

## **DOSSIER 3**

PRODUÇÃO CULTURAL E PRÁTICAS PARTICIPATIVAS:  
um estudo de caso para análise



excertos para discussão em aula

Antropologia Cultura e Arte | PPC | 1º ano | 2º semestre

Teresa Fradique | 2024

ESAD.CR | Politécnico de Leiria

## Análise do filme *Fora de Água* (1998) e sua pertinência antropológica

Teresa Fradique

*Fora de Água* (1998, realização Catarina Mourão) foi realizado no âmbito do projecto Além da Água comissariado por Jorge Castanho, ocorrido entre Maio e Junho de 1997. A partir das situações criadas por uma intervenção que teve como objectivo **levar ao “interior” um conjunto de “obras” desenvolvidas de forma específica por «artistas portugueses que pertencem às sensibilidades mais frescas das décadas de 80»**, o filme procura acompanhar os **processos de implantação no terreno, realçando a polifonia das discussões e posicionamentos face à pertinência das obras, mostrando, em última instância as negociações** (políticas, identitárias, conceptuais, entre outras) que são necessárias convocar numa situação de **experienciação comunitária com o produto artístico**.

É um filme útil porque nos confronta com **os dilemas da operacionalidade da intervenção cultural** e que nos relembra da potencialidade do **olhar como forma de construção analítica**.

Não como uma busca de “verdade”, mas antes como uma espécie de **lente que confere maior nitidez à complexidade dos acontecimentos**.

A **cobertura mediática** de que o evento, ou melhor, as respostas locais ao evento, foram alvo, introduz novas dimensões à discussão, que deixa de ser gerida apenas pelos interlocutores directos, para adquirir uma visibilidade nacional.

Coloca algumas questões inquietantes em torno do olhar sobre o “Outro” e do olhar sobre esse olhar. São várias as questões exploradas no documentário que se tornam interessantes para pensar antropológicamente.

- a recolha das imagens e a resposta dos intervenientes à **câmara no “terreno”**;
- **negociações de visibilidade e políticas de “participação”** (no filme);
- **conflito e interpretação** num projecto de intervenção artística comunitária: **o papel do observador**.

Este filme remete para duas dimensões que, do ponto de vista de uma **discussão antropológica**, se tornam particularmente interessantes.

Uma primeira de carácter mais **metodológico**, se quisermos, e que se prende com:

- as potencialidades semânticas da linguagem cinematográfica do documentarismo, já que este lida com uma abordagem, sintetização e construção (de uma interpretação) da realidade, com actores sociais em acção, com contextos culturais que ultrapassam muitas vezes o previsível;
- o tipo de olhar a que esta realizadora nos tem habituado: uma observação subtil mas incisiva (e porque não mesmo dura!) e que sabe esperar (aquela espera na construção das relações e da presença do observador no terreno) a que nós, antropólogos, não somos de todo alheios.

Um segunda ordem de questões pertinentes para uma discussão no âmbito da antropologia prende-se com **a existência de um “terreno”, de uma comunidade em existência quotidiana e que está a ser alvo de observação**. Talvez seja mais correcto falar em comunidades e polifonias de discursos e olhares: os artistas observam os locais para os quais vão projectar/criar a sua obra; os locais observam as obras dos artistas; **o filme vive de um terceiro nível de observação destes intervenientes em acção**. A forma como terreno e observação surgem no filme - de forma problemática e problematizada - parece-me ser, assim um dos desafios mais interessantes que este coloca para um olhar antropológico.

Podemos esquematizar a presença circular do olhar e da observação neste filme da seguinte forma:

Espaço / terreno	Tempo / Narrativa
<b>Localização 1:</b> Os artistas a trabalhar com orientações site-specific.	<b>Momento 1:</b> chegada antes dos artistas, a preparação; a presença das obras no seu processo técnico de realização.
<b>Localização 2:</b> A câmara que nos oferece uma geografia própria, indicando-nos os locais (institucionais, muitas vezes) e os agentes que permitem perceber o fenómeno em causa.	<b>Momento 2:</b> o artista em acção e a comunidade em reacção.
<b>Localização 3:</b> a comunidade local a observar as obras que lhe são “oferecidas”.	<b>Momento 3:</b> o depois, o artista reflecte e “digere” os acontecimentos, já de regresso à sua “casa”.

16 PAÍS

# 'Garrafa de Moura' devolvida ao autor

A escultura de Pedro Portugal desagrudou às gentes do Baixo Alentejo. No litígio com a câmara, o tribunal dá razão ao criador

**JULIO REIS**

A ASSOCIAÇÃO de Moura, no Alentejo, decidiu devolver a escultura de Pedro Portugal, que se encontra no jardim da Câmara Municipal, ao autor, o artista português Pedro Portugal. O tribunal decidiu que a escultura, que representa uma garrafa de vidro, com o nome de Moura gravado nela, não é uma obra de arte e, portanto, não pode ser considerada tal. O tribunal decidiu que a escultura é uma obra de arte e, portanto, não pode ser considerada tal.

Um abalo estético público. A escultura de Pedro Portugal, que se encontra no jardim da Câmara Municipal, foi considerada uma obra de arte e, portanto, não pode ser considerada tal. O tribunal decidiu que a escultura é uma obra de arte e, portanto, não pode ser considerada tal.

18 Expresso, 19.03.00, p. 1 e 16.

3 • MADRID • 97

# Populações de Beja rejeitam obras de arte

Painel com Salazar e estátua-garrafa

Em Moura e em Beja há quem não queira receber as obras de arte que estavam destinadas às duas cidades. Invocam razões estéticas e políticas

**PODER** **IDEOLOGIA**

Painel para Beja: recordar o responsável pelas Campanhas do Trigo que levaram à exaustão dos solos alentejanos

## exercício:

1. Antes de iniciar o visionamento do filme é atribuído a cada estudante uma **personagem** a partir do qual observará o filme, tomando a sua perspectiva e identificando os seus argumentos.
2. Personagens:
  - artistas
  - curador
  - autarcas
  - mediadores
  - população
3. Após o visionamento os vários grupos que partilham a mesma personagem juntam-se para articular e afinar perspectivas.
4. Os grupos regressam à sala e cada grupo/personagem participa na discussão coletiva defendendo os respetivos argumentos com base nos acontecimentos do filme

**Filmografia recomendada:**

FORA DE ÁGUA, 1998, 40'  
Realização: Catarina Mourão  
Imagem: Catarina Mourão / João Ribeiro  
Produção: Associação do Municípios de Beja

**Bibliografia complementar:**

Entrevista Catarina Mourão, Arquivos da Memória: Antropologia, Arte e Imagem, nº5-6, Centro de Etnologia Portuguesa, pp. 235-249.

[imagem capa: still do documentário Fora de Água]

**Aconselha-se a leitura completa do texto referido na bibliografia complementar deste dossier.**